

O Gaiato

3 DE JUNHO DE 1967
ANO XXIV - N.º 606 - Preço 1400



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA ★ FUNDADOR: Padre Américo ★ VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ OJUNTINAV
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS ★ COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



MANUEL CHANCUDO ACARICIA UMA VITELA.

Aqui, LISBOA

É extremamente difícil encontrar quem, desinteressadamente e isento de quaisquer frustrações, venha a servir os Rapazes, por amor a Eles e a Deus. Os casos que nos têm passado pelas mãos são a prova concludente do que afirmamos. E é pena que tal aconteça dadas as necessidades maiores das nossas Casas, sobretudo em elementos femininos, equilibrados, discretos e dispostos ao sacrifício, num mergulhar pleno em vida singular, que, se não dá margem a compensações de qualquer espécie na ordem humana, garante a felicidade eterna e fornece a tranquilidade e a alegria interiores, próprias daqueles que se colocam ao dispor dos outros. Onde estão, entre as milhares de Senhoras viúvas e solteiras, à espera de encontrar sentido para a vida, aquelas susceptíveis de dar um passo em frente a dizer presente?

XXX

Manter calçados cento e tal Rapazes, dos 3 aos 20 anos, no verão e no inverno, quando chove e quando faz bom tempo, é problema difícil e que dá margem a muitas dores de cabeça. Quanto mais baixas as idades pior. Se houvesse cem Amigos dispostos a darem-nos outras tantas botas, entre os números 28 a 35, teríamos, por algum tempo, o problema em repouso: para descanso nosso e conforto dos Rapazes.

XXX

No rescaldo das festas surgiu a epidemia de tocar piano. Por debaixo do nosso escritório ouvimos o matraquear dos candidatos a vedetas, numa confusão de notas e de sons que perturbam a dureza dos nossos ouvidos... No entanto, já se consegue aperceber a melodia do velho vira e de outras árias em voga. Ainda não fomos ver «in loco» os progressos dos «pianistas» e duvidamos se em breve encontraremos inteiros os pianos sujeitos a tão bons tratos! Se tivéssemos um professor, dizem-nos os Rapazes, a coisa seria séria e com uma bateria e um acordeão fariamos furor. Para as duas últimas pretensões não nos parece difícil correspondência, mas quanto à primeira é que, com franqueza, não vemos fácil resposta. E daí?!

XXX

Já que estamos em maré de pedidos e falámos em professor(a) de música, veio-nos à mente a necessidade imperiosa de dispormos de um professor de ginástica para ministrar aos nossos Rapazes, ao menos uma vez por semana, exercícios adequados, segundo as idades, corrigindo defeitos congénitos ou adquiridos e forjando corpos sãos. Quando será que o Totobola fornecerá possibilidades às instituições pobres como a nossa de disporem de mestres especializados em educação física? Não será isso a bem da Nação?

Padre Luiz

MALANJE

Vieram dois casais a quererem entregar os meninos, rebentos dos maridos antes do casamento com estas esposas. Os meninos são peso. Queriam ficar libertos.

Eles rodearam: «Nós queremos-lhes bem. Eles precisam de quem os domine e aqui... Se for de pagar, nós pagamos».

«Que não» eu disse, e mais: «Os senhores têm obrigação. A melhor escola é um bom ambiente familiar. A nossa casa é para os sem pai ou mãe ou quando estes não tenham condições morais e materiais para educar».

Eles se foram tristes. Queriam alijar a carga. Ora, cada um deve tomar os custos que lhe pertencem. A nossa casa é para os que nem sem eles podem ir.

XXX

Fico sempre criancinha quando, ao chegar à Cela, em frente das montanhas de pedra, sou um brinquedo fácil em suas mãos rochosas! Fico a olhar sem noção de mim e feliz!

Desta vez fui por quatro vacas.

Sr. Engenheiro Jordão ouviu e compreendeu.

Rapazes — leite branco.

Em cada viela uma bica de leite!

Nenhum tem.

Temos prazer em dizer: Milhares de seres humanos morrem de fome todos os anos.

Era melhor: Em África, milhares de quilómetros de capim (que podia ser leite!) ardem, todos os anos, em poéticas queimadas.

Peregrinando com o Papa

Treze de Maio de mil novecentos e sessenta e sete! Cinquentenário das Aparições de Fátima!

Enorme é o caudal de tinta que correu já, a propósito deste extraordinário acontecimento, transcendente mesmo; mas a presença de Sua Santidade, o Papa, nas respectivas comemorações, sem dúvida, veio dar ainda maior transcendência a esta histórica peregrinação.

A nossa comunidade de Miranda do Corvo (na Obra a mais próxima de Fátima) peregrinou também até à Cova de Iria, fazendo-se representar por um seu casal e alguns rapazes que ali foram pôr aos pés da Virgem, juntamente com as intenções gerais da peregrinação, as intenções da Obra da Rua.

Continua na TERCEIRA pág.

Filhos ilegítimos?

Ao último parágrafo que transcrevemos no passado artigo sobre este tema, segue-se, no texto do Autor do Capítulo sobre a Filiação, no novo Código, estoutro: «E, sobre tudo quanto deixamos dito, nas relações entre pais e filhos ilegítimos, há-de projectar-se sempre ameaçador, o espectro daquilo que poderia ter sido e que, por culpa dos primeiros, jamais poderá ter lugar. Os pais não-de detestar sempre nos filhos a lembrança da sua abdicação moral (...); por parte da prole todos aqueles anseios profundos de personalidade que se satisfazem pela veneração e gratidão para com os pais (...), se sentirão gravemente frustrados... E assim, aquele instinto e inclinações

que soem estreitar os vínculos entre pais e filhos, na filiação ilegítima arvoram-se em acusadores cruéis e são mais uma causa de separação e atrito entre os progenitores e a prole».

Afirma-se neste parágrafo que: a culpa é dos pais; a frustração dos anseios profundos de personalidade é dos filhos.

E acrescenta-se: «Do que fica exposto resulta que o problema da filiação ilegítima assenta as suas raízes na própria essência da geração (...) e que de nada serviria querer-se equiparar esta modalidade de filiação à legítima».

CONTINUA NA QUARTA PAGINA

Continua na SEGUNDA pág.

Lar Operário de Lamego

As últimas notícias falaram sobre a previsão do que seria a festa dos Gaiatos em Lamego. Deu tudo certo. Hoje somente nos resta agradecer a colaboração dada para que o êxito fosse admirável. Sobre o assunto nada mais diremos, além de que no próximo ano todos certamente se esforçarão para que dentro do possível ainda

seja melhor. E agora a palavra pertence aos rapazes do Lar. O tempo vai passando e eles hoje já não têm os 11 ou 12 anos com que entraram. A escola da rua, da oficina, da convivência de um com os outros, do meio cidadão, embora pacato, mas diferente em tudo da povoação de cada um, vai-lhes modificando o feitio e a maneira de ser. Há mais

desenvoltura no falar e rasgo no agir. Têm já as suas preferências e um ou outro vai lembrando direitos. Falam em todos os assuntos e cada um sente-se estribado para dar opinião. Uma pequena assembleia de gente nova. Não fogem à regra de fazer da bola assunto predominante de Segunda a Domingo. Nascem discussões e por vezes arrelias que, louvores a Deus, depressa se desfazem. Tudo isto começa a levantar o véu de problemas que nos vão trazer preocupações. Vai-se notando preferência de leitura, teimosias nas obrigações, escolha especial de companheiro, isolamento, tantos cigarros queimados e até declarações de amor em botão. Há todavia uma virtude que é geral: a docilidade. Há dias foi preciso dar um pequeno castigo. O rapaz em causa, secretamente, juntou a roupa, colocou-a em lugar seguro e disse aos companheiros que às tantas ho-

ras ia embora. Eu não estava presente e um deles preveniu a encarregada do que se passava. Esta, procurou encontrar-se com ele o mais naturalmente possível e sem perguntar nada veio a saber das intenções do rapaz. Alegou que o motivo era o ter sido castigado. Depois duma ligeira conversa reconheceu que tinha feito mal e todo sorridente foi trabalhar para a oficina. Talvez não se possa chamar mau comportamento, mas não eram de aprovar as acções doutro rapaz muitas vezes repetidas, mesmo depois de ter sido avisado. Resolvi escrever aos pais sobre o caso e disse que era melhor virem buscá-lo. A obra não se destina a receber rapazes insuportáveis com necessidade de internamento especializado. Não demorou muito tempo a resposta dada directamente ao filho. Chegou a hora da refeição e o rapaz não quis comer deixando correr abundantemente as lágrimas. Quando se indagou a razão de tudo aquilo entregou a carta que o pai lhe havia escrito. Dissemos que se iria tentar mais uma vez se estivesse disposto a modificar-se. Respondeu-nos que sim e logo pediu

papel e selo para escrever uma carta aos pais a dizer que o não viessem buscar porque ia portar-se melhor.

Temos muitos outros casos onde se manifesta a docilidade dos nossos rapazes. Não sabemos a que atribuir isto, mas julgamos que é fruto do carinho com que são tratados e do ambiente familiar em que se vive. Não será por muito tempo, mas prestam sempre atenção às recomendações que lhes serão feitas e naquela hora ficam cheios de boa vontade.

Num dos últimos encontros o tema versado foi sobre o cigarro. Viemos depois a saber que alguns tinham enfiado a carapuça e que entre eles levantaram este diálogo: Sr. Padre tem razão; o mal é só para nós. Vamos acabar com isto.

Será verdade? Sem querermos dormir a sono solto, é para nós consolador julgar que sim.

As próximas notícias serão sobre os rapazes que vêm e que se ausentam do Lar sem terem concluído a aprendizagem do officio que escolheram.

Padre Duarte

TRIBUNA de Coimbra

Gosto muito de animais. Trato-os, porém, conforme a sua condição e nada mais. Por isso, não vejo com bons olhos que cães e gatos andem pelo refeitório, mórmente nas horas das refeições.

Cá, porém, temos um cão e dois gatos que me têm forçado a transgír neste ponto. É que eles dão-se tão bem, são tão amigos e acariciam-se mutuamente que não tenho coragem para os pôr nos seus devidos lugares..

Assim, todos os dias assistimos, enquanto comemos, a umas cenas de amizade e carinho entre eles que, muitas vezes, provocam uma grande boa disposição em todos nós.

Normalmente o «Piloto» entra com os rapazes para o refeitório.

Respeitosamente assiste, de pé, à oração de Acção de Graças pelo alimento que vamos tomar. Logo que nos sentamos «Piloto» deita-se ao centro da sala e parece que dorme. É nesta ocasião que entram os 2 outros personagens: os gatos. Dão uma volta pelo refeitório, como que a saudar a todos. Chegam-se depois à beira do «Piloto» e toca de lhe dar turras, desafiando-o para a brincadeira. «Piloto», depois de muito instado pelas turras e cabriolas dos seus amigos felinos digna-se dar-lhes confiança. Assistimos, então, a uma série de brincadeiras entre eles, que dá mesmo vontade de filmar.

Quando se cansa da brincadeira, deita-se o «Piloto». E os seus amigos, fazendo das suas patas travesseira, lá ficam, em boa harmonia, até que nos levantemos.

Tenho mostrado aos rapazes este exemplo de amizade entre animais que normalmente se detestam, e aproveito para tirar a lição que nos dão.

Mostro-vos este quadro, para dizer que se entre os animais é

possível esta comunhão de amizade, quanto mais não poderiam os homens construir em amor, se tivessem boa vontade.

x x x

Os rapazes têm cada uma!!! Passava eu num dos pátios desta Casa de Miranda e dei uma olhadela para a camarata que para ele dá.

Que vejo?!!! Bem: primeiro há a dizer que, em virtude da faculdade especialíssima que os nossos rapazes têm para engenheiros, somos forçados ao mínimo possível de engenheiros eléctricos. Não que eles não os desfaçam, mas sim, porque é raro montá-los novamente.

Depois, tem que entrar o pai em acção, com todas as consequências inevitáveis que estas coisas acarretam: despesa, reprimenda, quando fica só por aqui, e etc. quando as coisas vão mais longe.

Isto vem a propósito da olhadela para a camarata.

Ela é encerada e tem de andar sempre a espelhar. Ora com o tempo que tem feito e depois de 2 dias de feriado, calculem os nossos amigos como ela devia estar.

Como não há enceradora, os nossos «engenheiros» resolveram inventar uma que lhes poupasse os músculos.

Que vi então?: «Batata», sentado em cima duma flanela que prendia aos pés, fazia de escovas de enceradora. Por motor tinha o «Piloto» que, atrelado a uma toalha, puchava o «Batata» e, assim, andavam eles, ora para cima, ora para baixo, dando lustro ao soalho.

Olhei, sorri para mim mesmo e vim para o escritório.

Eles lá ficaram a encerar.

Padre Abraão

FESTAS — Vamos começar com os ensaios. Andamos já nos preparativos do esboço do programa. Este ano vamos ter certas dificuldades que esperamos vencer, contando em fins de Julho apresentarmos no Monumental de Benguela e em seguida no Lobito.

Como no ano findo, esperamos levar os nossos espectáculos ao Luso, Silva Porto, Novo Redondo, e este ano possivelmente pela primeira vez a Nova Lisboa e Sá da Bandeira. Lutamos com falta de data, por via dos nossos rapazes que estudam, e que também são actores, mas confiamos sairmo-nos bem para satisfação de todos. Para o Monumental de Benguela temos já pedidos de bilhetes reservados há muito tempo.

NOSSA ALDEIA — Continuamos na sua construção, umas vezes mais em ritmo acelerado, outras como as possibilidades nos deixam e os amigos nos facilitam. A todos na

Carta de BENGUELA

medida do seu merecimento que o Senhor pague por nós.

Nesta hora está o nosso padre Manuel para Luanda, que, aproveitando uma boleia de um amigo, foi em busca de auxílio material, para ver se conseguimos pôr nossas contas em dia. Ia animado e com fé, na esperança de lhe abrirem as portas onde irá bater.

ASSINANTES — Temos novos assinantes do nosso jornal, e o mesmo é dizer que temos novos amigos. Mas mesmo assim são poucos. Já não falo em Benguela e Lobito, onde os nossos vendedores resolvem o problema, mas nas cidades do

interior? Em Nova Lisboa, uma senhora assinante muito nossa amiga, com o seu esforço e sacrifício, enviou-nos uma boa lista de assinantes novos arrançados por ela e que já recebem o «GAIATO». Quem nos dera que em Silva Porto, Luso, Moçamedes, Sá da Bandeira e outras cidades nos aparecesse outra D. Alice, tão amiga e delicada, e que com ela nos enviassem uma listazinha de novos assinantes. Há o problema de não saberem quanto é a assinatura anual? Não tem preço; é o que nos queiram dar: 20, 30, 50 ou 100\$00 tudo aceitamos com alegria, na certeza de que todas as migalhas nos ajudam a formar novos homens, que queremos entregar sãos e dignos à Sociedade, que os há-de receber, dando-lhes as possibilidades pelo menos normais de enfrentarem a vida, como todo o homem tem direito.

Américo dos Santos

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA pág.

x x x

E agora, a vacaria. Tem já o telhado em cima. Foi sem poder, pois tínhamos as forças reservadas para mais uma

casa que receberá sessenta filhos (casa de família numerosa). Já a começámos.

Não me digas nada! Manda-me antes uma ajuda.

PADRE TELMO



OBRA DE RAPAZES PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES.

Visado pela
Comissão de Censura



Graças a Deus, as encomendas de chales em bico tem continuado. Pudera, eles são aqui por metade do preço!

Mas há ainda muitas leituras, que os não usam e deviam procurar tê-los; são bonitos, e adaptam-se tão bem ao corpo, para qualquer ocasião, até para estar na praia, principalmente as senhoras que ficam dentro das barracas fazendo o seu crochet! Vejam o que diz um senhor do Porto: «Recebi o chale em bico, minha mulher ficou radiante, pois vinha muito bonito e bem feito. É favor mandar mais dois para pessoas amigas». Vale do Sado, 3 chales e 2 colchas feitas em lã e algodão. Temos 2 feitas para cama individual; medem 2,20x1,30; são em verde, e estamos a fazer mais noutras cores; custam 100\$. Porto, 6 chales. Sousa, 1 chale e 2 sacas de guardanapos em crochet. Temos muitas feitas, e custam apenas 12\$50. Outra vez Porto, com 2 chales e 5 pegas. Santarém, 1 chale, 10 pegas, e uma saca de guardanapos, e encomendaram mais uma dúzia delas. Barreiro, 1 carpete. Lamego, 14 chales. Alvarenga, 2 sacas de guardanapos. Régua, 2 chales e 2 sacas. A casa Sojal, em Lisboa, tem-nos feito muitas encomendas de chales. «Vi um

chale manufacturado aí, e gostei muito dele. Era favor mandar-me 2». Foram para o Porto. «Recebi o mês passado o chale branco de que muito gostei, peço para mandar outro igual». Foi logo na volta do correio. E mais que peçam!

Muitas encomendas, nos tem feito esta senhora, e é tudo para oferecer aos mais necessitados. Lamego, mais 3 chales. Porto, 14 chales. Insua, 2 camisolas. Já temos um armário cheio delas, para atender os pedidos que nos queiram fazer. Amora, 1 chale. Porto, 2 mantas. Temos algumas feitas, com a medida de 2,20x1,60; custam 80\$00.

Quem as deseja? Três passadeiras de tiras para Lisboa. Águeda, 2 chales. Braga, 17 chales. Parede, 3 chales. Ferreira do Alentejo, 1 camisola e 3 chales. Além destas encomendas, recebemos também alguns donativos: 500\$ por intermédio do senhor P.e Baptista, de Beire; alguém que os lá deixou, com destino para aqui. De uma Mãe de Lisboa, 150\$00 para o que fizer mais falta. Destinei-os para a alimentação de uma velhinha de 80 anos, que vem aqui almoçar comigo todos os dias. É triste a velhice, quando não temos ninguém que nos acompanhe. Do senhor «Major do silêncio», e da Avó de Moscavide, a sua persistência de tantos anos. Do senhor de Lisboa, todos os meses o seu donativo para agasalhos do Calvário. Duas ou três pessoas, continuam a mandar 20\$ ainda para o conserto da casa. É tudo por hoje e dou graças a Deus, como comecei.

Maria Augusta

Peregrinando com o Papa

Continuação da PRIMEIRA pág.

Fomos no próprio dia 13, um pouco antes de Sua Santidade partir do Vaticano, também com o mesmo destino.

Era ainda muito cedo quando chegámos ao Santuário de Fátima, onde, no entanto, o movimento era já intensíssimo.

Depois de nos termos dejejua-do, fomos comprar uma pequena lembrança para os que haviam ficado em casa, dada a impossibilidade de todos irem até Fátima, e, em seguida, tomámos o nosso lugar para a participação nas cerimónias.

Entretanto o tempo ia decorrendo com aparente lentidão, já que íamos contanto ansiosa e cuidadosamente os minutos que faltavam para que o Papa chegasse a Monte Real. Constituiu surpresa geral quando o avião pontifício surgiu, sobrevoando aquele mar humano que, súbitamente, se electrizou em aclamações e acenos que devem ter deslumbrado os próprios olhos do Chefe da Igreja, tal o maravilhoso e emocionante espectáculo então gerado.

Contudo, o auge do entusiasmo, que não é possível descrever, teve lugar no momento em que Paulo VI chegou à Cova da Iria.

Era pouco mais de meio dia, coincidindo, portanto, com o momento em que ocorria, mais precisamente, o cinquentenário da 1.ª Aparição de Nossa Senhora, naquele local bendito.

A T. V., a Rádio e a Imprensa levaram a todo o mundo as imagens e os relatos dos empolgantes momentos que, naquele dia, se viveram em Fátima; pelo

que me dispense de relatá-los, de novo. Apenas quero dizer que, também nós, nos procurámos integrar na peregrinação universal a que se dignou juntar, como peregrino, o próprio Vigário de Cristo na Terra, o que constitui enorme felicidade e honra para Portugal e para todos os que tiveram a dita de o ver de perto.

O que vimos e sentimos, além de indizível, é também inolvidável. Por mais anos que vivamos, jamais esqueceremos este 13 de Maio.

Terminadas as cerimónias pusemo-nos a caminho de casa. Em Leiria fizemos uma breve paragem. Aqui, a única cidade portuguesa que viu o Santo Padre, a atmosfera era de júbilo, de felicidade.

Nós, não satisfeitos completamente, não resistimos à tentação e, visto a distância ser tão

pequena em relação ao enorme desejo de tornarmos a ver o Papa, demos um salto a Monte Real.

Assim tivemos o ensejo de aclamar, mais uma vez, o Pastor Universal, quase lhe podendo tocar, tão perto passou de nós.

Chegámos finalmente a casa com o coração a transbordar de alegria e com a enorme esperança de que terminara o dia que bem poderá ser o início de uma nova Vida de Paz e Amor entre os homens, sob a orientação de uma Igreja mais Unida e Santa, conforme Paulo VI e milhões de fiéis oraram à Virgem em Fátima.

Prossigamos, pois, peregrinando com o Paladino da Justiça e da Paz — Paulo VI.

Carlos Manuel

OS NOSSOS LIVROS

Em o número anterior — e em seu estilo brincalhão — Snr. Padre Carlos já disse de como o «Ovo de Colombo» segue prá frente. E segue! Não tardamos, mesmo, a passar o trabalho prós doentes do «Calvário». Eles e elas são um refúgio, uma ajuda preciosa na ultimação da obra — cosem as folhas. E evitam uma máquina de coser, que nos custaria os olhos da cara. Mais: fornecem ao «Ovo de Colombo», e a outros que se hão-de seguir, um valor incomensurável, já que o trabalho lhes ameniza o sofrimento, encarado com os olhos no Senhor.

O livro que dentro de meses baterá às vossas portas saíu da pena de Pai Américo que nem um jacto! Ele traz no seio o Adubo que alimentou o crescimento, o conhecimento, o valor de uma Obra que é de hoje, de sempre — o «Património dos Pobres». Quando sair para a rua a segunda edição, mau seria que ao menos um dos seus leitores não acordasse. Porquê? A resposta é de Pai Américo: «Temos o Ovo de Colombo mais por um livro de acção que de leitura». Eis.

x x x

Agora, se nos permitem, ouçamos depoimentos valiosos de quem saboreia as nossas edições. São almas que vibram. Que meditam. Que trabalham. Diz a primeira:

«Com respeitosos cumpri-

mentos, incluso envio um vale do correio na importância de 80\$00, para pagamento dos 4 volumes do Evangelho segundo Padre Américo, que se dignaram remeter-me há dias de acordo com o meu pedido.

Estes são para oferecer a um próximo doutor em Direito e brevemente farei novo pedido para oferta idêntica. É que os homens de comando têm necessidade fundamental do Evangelho, para que cumpram verdadeiramente a sua missão».

E a segunda:

«Acuso a recepção do conjunto de livros que amavelmente me enviou e que muito agradeço.

Apenas ainda li alguns capítulos do primeiro volume, mas já estou convencida de que a sua leitura me fará sentir mais de perto as necessidades dos nossos irmãos, que aliás já sentia um pouco, pois pertenço às Conferências de S. Vicente de Paulo.

Leio sempre com muito agrado todas as notícias do vosso Jornal e faz-me muita pena, que nesta cidade (Santarém) os nossos católicos tenham tão pouco interesse por ele. É com mágoa, que os vejo passar indiferentes à saída das Igrejas, perante o pregão do Gaiato. Estou convencida de que se os nossos párocos, de tempos a tempos, dissessem

Continua na QUARTA pág.



OBRA DE DAPAZES PARA DAPAZES, PELO DAPAZES.



Ter e ser são coisas bem diferentes. Naturalmente o ser precede o ter. A homem primeiro é e, depois, tem. A operação segue o ser. Quem opera enriquece-se e enriquece. Primeiro obtém para si e, depois, para os outros. Só dá quem tem. Melhor talvez será dizer: Só dá quem é. Daí o Humanismo Cristão. Todos dão conta. São os professores, são os políticos, são os pais, são os empresários, são os chefes, são os sacerdotes, são os educadores. Todos eles dão conta que é preciso atender ao Homem. Trata-se de uma questão de base. Está aí o grande, o máximo problema. Quem quiser fazer alguma coisa de sério, de verdadeiro, tem de atender ao Homem. Que importa a alguém ter, se não fôr? As coisas gastam-se, consomem-se; o trigo apodrece; as casas arruinam-se e, mesmo

as mais sólidamente construídas; os animais morrem; as árvores secam e as mesmas espécies desaparecem. Mas o Homem assiste, vê, observa, compreende e reconstrói. Não teme a força do terramoto, o efeito do raio destruidor, as consequências da praga devastadora. Enquanto fôr, terá. E o ser dará a medida do ter. Daí uma filosofia e uma actualização. A sociedade precisa, e muito, de técnicos, de homens de ciência, de investigadores, de inventores. Mas muito mais, muitíssimo mais, precisa de educadores. Construir, na medida do possível, para que o maior número de seres humanos valorize a sua inteligência, a sua vontade, o seu coração. Depressa se gasta o que existe. Depois é preciso encher o celeiro. E, para tal, o homem tem de saber, tem de querer, tem de ter fé, esperança e amor.

Todos aqueles que crêem, esperam e amam serão mais fortes, mais decididos, mais persistentes. Aqueles que vêem melhor e querem mais fortemente, trarão um contributo muito mais decisivo para a solução de qualquer problema humano. Auto-Construção quer mais casas, muitas mais casas, muito melhores casas. Mas, ao mesmo tempo, ou mesmo antes, quer homens mais dignos, mais bem formados, mais bem preparados. Bem sabe que o Homem valerá incomensuravelmente mais que a casa. Todos sabemos isto, mas há o grande perigo de o esquecermos. A um vizinho ouvimos dizer muitas e muitas vezes: — Vale quem tem. Quanto melhor seria afirmar: — Vale quem é. Vale quem é justo, vale quem é trabalhador, vale quem é voluntarioso, vale quem é caritativo, vale quem é inteligente. Auto-Construção, antes de ser uma pedra na construção de casa, quer ser um pequenino tijolo na construção do Homem.

(Toda a correspondência para Auto-Construção, Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Sem comentários

«Escreve para o «Provincia de Angola» umas crónicas intituladas «Postais do Porto» um snr. Diamantino Maria. E há tempos, anunciava numa a criação do «Calvário» destinado a recolha de doentes. Punha a coisa como se o grupo ou entidade que se propõe fundar o novo Calvário, ignorasse o da «Obra da Rua» e... tivesse descoberto a pólvora!

Cioso que sou da «Obra da Rua» e até por simples espírito de justiça, penso que «O Gaiato» poderia esclarecer as duas posições. Estarei a ver mal a questão? Aqui fica o meu pensamento».

(De uma carta de Luanda)

Os nossos livros

Cont. da TERCEIRA página

uma palavrinha, nesse sentido, despertariam muitas almas a auxiliar essa grande Obra, que é a do Gaiato».

E a terceira:

«A «doente para doentes», ficou só há perto dum ano. Foi esse o motivo porque deixou de dar a cota mensal de 20\$00 para o Calvário, promessa que cumpri fielmente durante 10 anos. Meu marido fez-me muita falta e com ele, foi tudo.

Mas, apesar dos meus 66 anos doentes, eu tento restabelecer a minha vida. Não sei por quanto tempo e só Deus o sabe.

Mas para já, nunca deixarei de ler o «Gaiato», que tantas horas na minha vida me tem enchido o coração de ternura e ajudado a suportar com paciência e resignação os maus bocados que tenho passado, pensando que há outros que sofrem mais do que eu. Portanto, junto a esta 50\$00 para o pagar e se as condições da minha vida melhorarem, muito em breve pedirei aqueles livros (já seguíram!) que anseio por ler e que ainda não consegui a oportunidade de o poder fazer. Que Deus vos dê pelo caminho da vida almas boas que vos ajudem, são os votos sinceros da — Doente para doentes».

Que havemos de dizer? Calar o bico e dar graças a Deus pelas Suas maravilhas!

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOCAMBIQUE

Mas as «necessárias vicissitudes», os inúmeros e aflitivos apelos para dar a mão a problemas de miséria, fome, doença, habitação de crianças abandonadas, lares desfeitos, rapazes em perigo moral, ou pervertidos, ou ladrões, ou débeis mentais e mais e mais, — não deixam descansar.

O Mestre Divino queixou-se, um dia, de não ter onde repousar a cabeça. Nem, por isso, recuou na caminhada para o Calvário.

Eu também me queixo; não de não ter onde repousar a cabeça, mas por não a poder repousar.

«Apaixonados... gastam-se. Gastamo-nos sim!

Não num conformismo comodista ou fatalista; mas num inconformismo que é o fruto duma opção livre, consciente e dinâmica; amadurecido pela vida, reflectido «na vida escondida do Mestre» e vitalizado pelo Espírito.

CANTINHO DOS PADRES DA RUA

«Os «Padres da Rua» são, por natureza, o Pai de Famílias, o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte».

Como me sabe bem reler esta norma que Pai Américo nos legou.

Saboreio todo o seu realismo e profundidade espiritual porque: «Os Padres da Rua são de Cristo... e gastam-se em revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo».

E que se chega ao fim do dia extenuado.

Corpo e alma, doridos, dizem: Basta!!!

Pedem descanso.

Porque apaixonados, gastamo-nos, tanto quanto a nossa fragilidade e misérias o permitem, para revelar ao mundo as incompreensíveis riquezas de Cristo».

Uma das muitas riquezas que eu hoje vos quero revelar é: a PAZ que vive em mim, no meio deste inconformismo de quem ama por amor do que é Amor; desta inquietude de sofrer com os que sofrem e da limitação humana de dar-a-mão a quem a reclama sem a poder multiplicar.

Esta Paz, os homens não a podem dar.

Podem-na ter, se se «apaixonarem».

Padre Abraão

PELAS CASAS

do GAIATO

BELÉM

Mensagem de Fátima — Estamos no mês de Maio e no ano do cinquentenário das aparições de Nossa Senhora em Fátima, a três pastorinhos.

Todos eles eram de famílias pobres, e o seu trabalho era ir para a serra, guardar as ovelhas. Passavam aí os seus dias, a brincar e a guardar as ovelhas.

No dia 13 de Maio, foram guardar as ovelhas para a Covã da Iria. Passado algum tempo, viram uma Senhora em cima duma azinheira. Não sabiam quem era, mas Lúcia que era a mais velha perguntou: — O que me quer vocemecê e donde é?

Nossa Senhora respondeu: — Quero que venham aqui no dia 13 de seis meses seguidos. Depois direi quem sou e o que quero.

Dito isto, desapareceu. Todos três combinaram não dizer nada a ninguém, mas Jacinta, que era a mais pequena de todos, logo que chegou a casa disse aos pais o que tinha visto. A mãe não acreditou.

Doutra vez, que lhes apareceu, mostrou-lhes o inferno, e conta a Lúcia que era um horror ver aquelas almas todas a arder.

Nossa Senhora disse-lhes também que pedissem pela Paz do mundo, para que a guerra acabasse.

Lúcia pediu-lhe também para que fizesse um milagre para que aquela gente ficasse a acreditar e também para curar os doentinhos que lhe foram recomendados.

Nossa Senhora disse que curaria alguns durante o ano, mas que rezassem todos o terço. No dia 13 de Outubro deu-se o milagre da dança do Sol.

Lindita



LAR DE COIMBRA

Já há tempos que se houve falar num lar novo. Ele é de necessidade fundamental, pois, o que habitamos está a pedir reforma. Chove em cima das camas, a divi-

são adaptada forçosamente pouco satisfaz e depois a renda...

O Senhor Padre Horácio muito se tem preocupado com o começo. Há dias pronunciou estas queixozas palavras: «O pouco dinheiro que havia para o começo, gastou-se na ampliação das oficinas em Miranda. E nós perguntamos: e o Lar? Lançou o seu grito no final das festas no Avenida e parece poucos o terem ouvido. Mas precisa-se do Lar e precisamos de que sejas vós a colocar lá as pedras, para que possais ver a grandeza das vossas Obras, num simples contributo que vos prenda. Tudo espera por vós, já que tudo de vós depende».

O Zé Manel mais a Benilde uniram seus corações. Mais um gaiato a erguer-se entre a nossa sociedade. Que sejam eternamente felizes são os nossos votos.

Joaquim Sousa



O Pascoal, de Miranda do Corvo, e esposa, no dia do seu matrimónio.

Filhos ilegítimos?

Continuação da PRIMEIRA pág. tima, visto não ser a simples atribuição legal de direitos e deveres, mas sim os ditames vivos da consciência e as convicções e sentimentos que se estabelecem entre pais e filhos, o que verdadeiramente

estreita ou desfaz os laços naturalmente existentes entre eles».

A conclusão do legislador parecer-me-ia ignóbil, se a não julgasse inconsciente.

É verdade que tudo é naturalmente em desfavor dos filhos rotulados de ilegítimos. É verdade que «a atitude psicológica e ética dos progenitores» é que «fundamenta», segundo a espontaneidade, o acolhimento que os filhos encontram naqueles que os geraram.

E então à lei estará reservado o papel meramente passivo de reconhecer factos consumados?... Ou, pelo contrário, não deve ser ela a norma

que estabelece e reivindica a atribuição dos direitos daqueles, a quem os não atribuem, espontaneamente, «na atitude psicológica e ética» que se verifica nos matrimónios conscienciosamente celebrados e vividos, «os ditames vivos da consciência» dos seus progenitores?!

O que acontece — me parece a mim — é que a lei se demite («de nada serviria querer-se equiparar...») tal como se demitem dos seus deveres fundamentais aqueles progenitores cujos «ditames da consciência» são mortos.

Nesta perspectiva, a lei rebaixa-se a uma certa forma de lei da selva, onde os mais

fracos são abandonados à sua própria condição, e os mais fortes deixados impunes em suas agressões. Mas a lei da selva é uma ausência de lei. Vale a força e não há outro critério de Justiça. Que pensaria o legislador se fosse ilegítimo?! Que sentiria ele — como eu senti, há dias, ao suspirar um espontâneo «oh, minha mãe!» — se ouvisse um filho meu dizer-me: — Gosto tanto de ouvir alguém chamar pela sua mãe! Eu nunca assim chamei!

Pois não. Ele nunca assim chamou, porque ela deitou-o ao mundo e nada mais. E se a um filho assim nascido reconhece o legislador «causa de íntimo desgosto e de queixa contra os pais, quando não mesmo de revolta e aversão» — como não reconhecer-lhe também motivos para se revoltar e detestar uma Sociedade que, pela sua lei, confirma a fatalidade do seu nascimento e lhe nega para sempre o gosto de chamar pelo doce nome de seus pais?!